



Autismo e os “Infinitos Particulares”¹

Viviane Maria Sobral FREITAS²
Jacqueline Nóbrega JACQUES³
Alejandro Vivanco SEPÚLVEDA⁴
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

RESUMO

A reportagem intitulada “Infinitos particulares”, que abordou o autismo, foi publicada em maio de 2010 na 13ª edição da revista *A Ponte*, cujo tema de capa foi “Mundos”, produzida por estudantes da disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II, da Universidade de Fortaleza (Unifor). O desafio apresentado na elaboração desta reportagem foi aplicar recursos do jornalismo literário, estudados em sala de aula, em uma publicação laboratorial e experimental. Como resultado, o distúrbio do desenvolvimento foi abordado a partir do ponto de vista de pais de autistas, na busca de desmistificar algumas crenças persistentes na sociedade e relatar experiências do comportamento singular destes indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: autismo; experimentação; novo jornalismo; revista-laboratório.

INTRODUÇÃO

A reportagem em questão foi publicada em 2010 na revista *A Ponte*, revista laboratório do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza (Unifor), criada, em 2003, como produto da disciplina Princípios e Técnicas de Jornalismo Impresso II. Com base no perfil da revista, o desafio dos estudantes é contar histórias humanas, por meio do desenvolvimento de reportagens que se utilizam de recursos literários. A comunicação se torna efetiva com a complementaridade entre projeto gráfico e projeto editorial.

Todo o processo da rotina produtiva da revista foi apoiado na experimentação. Embora essa edição tenha sido temática, por opção dos próprios alunos, tratou-se de um macro-tema abrangente: Mundos, o que permite uma maior liberdade na escolha da pauta e na produção das reportagens, desde os textos ao material iconográfico, como fotos, gráficos, artes-finais, tabelas, ilustração.

A partir da reflexão do título do editorial dessa edição, assinado pelo professor orientador da revista, Alejandro Sepúlveda (“Nenhum homem é uma ilha”, proferida pelo

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Informativo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, email: viviane.sobral@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da Unifor, email: jacnobrega.j@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unifor, e-mail: alevise.40@hotmail.com



poeta John Donne), é instigante estender o olhar para além das fronteiras da nossa própria ilha, amadurecendo esse exercício ainda na universidade. E nesse processo, a originalidade e experimentação tornam-se fundamentais na produção jornalística laboratorial. O “(jornal-laboratório) deve servir como elemento experimental, seja em termos de linguagem, conteúdo editorial ou mesmo aspecto gráfico” (LOPES, 1989, p.51). E esse conceito se estende às revistas, que apresentam características ainda mais peculiares.

Ainda com relação aos “Mundos”, esse foi o tema eixo da 13ª edição, abordado em reportagens que retratavam “Não os mundos que possam existir fora do planeta em que habitamos, mas nossos próprios mundos, aquelas representadas por histórias de vida particulares e coletivas, tão iguais ou mais complexas e difíceis quanto as nossas”, conforme sintetizou professor Alejandro Sepúlveda, ainda no editorial.

2 OBJETIVO

Apresentar a experiência de produção de uma reportagem ancorada no jornalismo literário, executada após discussão em sala de aula de textos teóricos sobre as aproximações possíveis entre Jornalismo e Literatura, e após leitura de diferentes estilos de livros-reportagens, que indicaram na prática as possibilidades de recursos explorados na revista *A Ponte*. Destaca-se, nesse processo, a atuação dos estagiários do Laboratório de Jornalismo (Labjor), responsáveis pela finalização da revista, edição dos textos, das fotografias, ilustrações e diagramação.

“Infinitos particulares” é uma produção de cunho jornalístico que busca contar histórias de pessoas relacionadas ao transtorno do autismo, sem a pretensão de negar as dificuldades percebidas, mas de ampliar a percepção do distúrbio para além do problema em si. Com o apoio de recursos gráficos, o trabalho reúne depoimentos de personagens e especialistas envolvidos neste meio.

3 JUSTIFICATIVA

Independente da área do jornalismo de maior afinidade, todos os alunos do curso se deparam, na cadeira de Impresso II, com a discussão e reflexão da importância e a necessidade de aprofundamento das matérias jornalísticas, na tentativa de escapar das simplificações do jornalismo no cotidiano e das apurações apressadas. Afinal, o homem não deve ser colocado como o sujeito de seu ato de conhecimento, mas deste como momento da transformação do mundo (MEDISTCH apud VIEIRA, 2002, p. 46). O que também ocorre é que, segundo Vieira (2002) o ato de conhecimento é o momento de transformação do

aprendiz. Ou seja, é a atividade prática exercida pelo futuro jornalista na academia - é o pensar e o fazer. Neste momento da formação acadêmica, debate-se sobre a importância de estratégias diferenciadas de apuração, com maior tempo de maturação do assunto, maior aprofundamento do tema, com ênfase na exploração dos diálogos, na observação participante. Enfim, é o processo cuja ação teórica e prática deve apontar uma formação acadêmico-profissional consciente e consistente.

Na verdade, é na aula ou numa redação laboratorial que o professor expõe ao futuro jornalista uma visão mais completa possível de uma área do conhecimento. ‘O espaço compreende a relação pedagógica no processo educacional, portanto é físico, é intelectual, é cultural, é ideológico, é emocional, é conteudista, é sistêmico, é comunicativo’. (VIEIRA, 2002, p.46).

Na perspectiva do autismo, percebe-se que muitas vezes a mídia minimiza o transtorno à explicação científica deste, se apropriando da aspa de um familiar para ilustrar a pauta. Mas falta espaço para uma abordagem mais aprofundada e humana, explorando descrições, com a sensibilidade apurada. E se tratando de mídia impressa, quando não há o apelo do formato audiovisual como na modalidade telejornalística, o desafio torna-se ainda maior, porque o jornalista precisa captar a atenção do leitor por páginas e páginas, ocasião em que o texto é o seu principal atrativo.

Outro aspecto trabalhado é como relacionar o conteúdo textual com os recursos gráficos, de maneira a complementá-los. Todos esses desafios foram enfrentados na execução de “Infinitos particulares”, o que engrandeceu ainda mais a experiência jornalística vivida.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O conteúdo de uma revista é diferente dos jornais, conforme explica Scalzo, já que a revista é o espaço que o jornalista tem de fugir do lugar comum e das notícias triviais. “É sempre necessário explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, e entender o leitor de cada publicação” (SCALZO, 2004, p. 41). A oportunidade de inovação é ainda maior no espaço universitário, ainda livre das amarras e limitações do mercado editorial.

O aluno transporta para as páginas do jornal-laboratório a vivência teórica da sala de aula, que fica distante do praticar jornalismo. Incentivado pelo exercício, o aluno vai canalizar seu conhecimento e buscar formas de aplicar e desenvolver sua criatividade na construção de um texto jornalístico apurado e refinado. (VIEIRA, 2002, p.72)

Nesse processo, destaca-se a influência de autores como Tom Wolfe (2005), que reflete sobre o movimento que ficou conhecido como o Novo Jornalismo, nos Estados Unidos na década de 1960. Ele explica que, o que tornou os textos dos “novos jornalistas” fascinantes e absorventes, foi “a utilização de quatro recursos específicos, todos realistas, subjacentes à qualidade do envolvimento emocional dos mais potentes textos em prosa, sejam eles de ficção ou não-ficção”.

Os recursos de que o autor fala são a descrição cena a cena, o uso de diálogos, o fluxo de consciência e registro dos “status de vida”. Segundo Wolfe, estes quatro fundamentos seriam responsáveis pela força que faz com que um texto torne-se apaixonante para quem o lê. O uso de subsídios como esses é instigado ainda em sala de aula, na preparação dos alunos antes das idas a campo para a produção do conteúdo da revista.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A 13ª edição da revista foi publicada em maio de 2010, mas sua produção teve início no segundo semestre de 2009, com a decisão, pelos alunos, de que seria mais uma vez uma publicação temática. Todos em sala puderam propor motes e, após votação, foi escolhido democraticamente pelo tema “Mundos”. A partir daí, já foram levantadas pautas que esse macro-tema abrangesse.

O autismo foi uma delas, pensada inicialmente partindo da ideia prematura de que os portadores da síndrome “viveriam em um *mundo paralelo*”. Após as primeiras reuniões de pauta, a equipe partiu para pesquisas bibliográficas, em busca de leituras e referências especializadas. Pesquisas feitas na Internet e, em especial, em um dos livros lidos sobre o assunto, “Amigos da Diferença - Uma abordagem relacional da problemática do autismo”, nos alertaram para a existência na nossa própria cidade, Fortaleza, de um dos maiores centros de difusão de conhecimento e tratamento da síndrome no mundo, a Casa da Esperança, fundada por Fátima Dourado, autora do livro citado.

Em contato por telefone com a Casa, agendamos a primeira visita para conhecer o local e já buscar alguma família, disposta a conversar com a equipe de reportagem, composta por algum membro portador da síndrome. Já desde a elaboração da pauta, tínhamos como foco principal da matéria as histórias que convivem com a síndrome, em busca de uma perspectiva humana, que fosse além da descrição do autismo em si. No geral, abordaríamos tanto com a angulação familiar como também pensando no indivíduo.

Para a produção da reportagem foram necessárias quatro visitas ao centro de tratamento. Esse é um fator importante para a realização de uma grande reportagem, a qual exige maior trabalho de campo e requer a possibilidade de ir mais vezes ao local. Isso permite uma maior aproximação com os personagens, se interar mais do assunto, captar mais detalhes.

Lilia tem consciência de que, apesar de sua maneira de perceber o caso do filho, o autismo é uma síndrome, um distúrbio do desenvolvimento humano caracterizado por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação. Não tem a pretensão de negar a realidade. Por outro lado, percebe também o autismo como um jeito de ser, uma forma muito especial de ser. Lilia, hoje, tem consciência de que essas pessoas só precisam ser entendidas no seu modo de viver. Enxergar a questão dessa forma possibilita também um diagnóstico precoce. (Revista A Ponte nº 13, maio 2010, p. 21)

Na primeira visita tivemos a oportunidade de conhecer todas as dependências do local, conversar com funcionários, e principalmente nos surpreender com a interatividade concretizada com alguns autistas, e a partir dessa experiência já desmistificar a ideia do “mundo paralelo”. Ali, aprendemos que existem “autistas e autistas”, de “mundos distintos” – cada um com seu “infinito particular”, parafraseando Marisa Monte.

A ideia inicial era conversar com Fátima Dourado, já que ela tinha filhos autistas e não-autistas e poderia relatar sua trajetória, incluindo a criação do centro. Entretanto, devido às viagens e à agenda ocupada da presidente, surgiu a oportunidade de entrevistar a fisioterapeuta do local, Lilian Jambartolomei, que junto com seu filho, João Paulo, se tornaram os personagens principais da história.

A segunda e a terceira visita foram direcionadas para entrevistas com a fisioterapeuta, registradas em um gravador. Nesse processo, é válido enfatizar a atenção da equipe não só à oralidade de Lilia, ou seja, à forma com que expressava seus pensamentos, sentimentos e suas ações, quando amansava a voz ou enrijecia, mas também à linguagem corporal: os gestos, as expressões, a vestimenta. Tudo isso passa uma mensagem, que à medida que são bem exploradas, se transformam em recursos enriquecedores no texto.

O jornalismo, em parte, tem sido vítima e cúmplice dessa verbosidade, dessa excessiva valorização da palavra dita. O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série... Fulano disse, sicrano afirmou. A vida é bem melhor do que isso. O dito é, muitas vezes tão importante quanto o não-dito, o que o entrevistado deixa de dizer, o que omite. É preciso calar para escutar o silêncio. (BRUM, 2006, p.191)



Outro entrevistado foi o psicólogo da Casa, Adriano Pordeus, que ofereceu pesquisas, relatos, dados, o que colaborou nas explicações técnicas e especializadas, porém de fácil compreensão do leitor que não domina o assunto. Para isso, foram exploradas, por exemplo, comparações no cotidiano, o que aproximaria ainda mais o público do tema.

Na quarta visita, a aluna de jornalismo e estagiária de fotografia do Labjor, Waleska Santiago, produziu as fotografias de João Paulo, Lilian e da Casa da Esperança, após ter discutido a pauta com os autores do texto e recebido orientações do professor orientador da editoria de Fotografia do laboratório. Essa aproximação com o assunto e discussão da matéria contribuiu para apurar o olhar fotográfico. A sessão foi acompanhada e autorizada por escrito pela mãe de João Paulo, Lilia. A equipe de reportagem optou por não fotografar as dependências internas da Casa, para não expor as pessoas assistidas.

Para a execução da reportagem, conhecemos também e conversamos via e-mail com Felipe Mascarenhas e Mariana Buratti, de Campinas, São Paulo, fisioterapeutas e pais de Alexandre, também com autismo. O casal possui um blog para a troca de informações entre pais e profissionais que buscam novidades sobre o tratamento, utilizando a internet como um canal de comunicação. Esse foi outro ponto abordado na reportagem, o “apoio no mundo virtual”, já que identificamos a existência de redes virtuais de relacionamento entre familiares e estudiosos.

O processo seguinte foi de dedicação à edição do material. Quanto ao texto, a primeira versão foi entregue para correção do professor Alejandro Sepúlveda, que em retorno apresentou sugestões de mudanças. Novas versões foram sendo entregues, também para composição da nota da disciplina.

Esse processo de edição vai além da sala de aula e se estende ao Labjor, que é responsável pela finalização de todos os produtos do curso. No total, seis veículos, entre impresso e eletrônico, são executados por estudantes bolsistas e voluntários, distribuídos em funções de redação, diagramação e fotografia.

Já quanto à diagramação, com base na perspectiva da leveza com que o tema foi abordado, a equipe do Labjor optou por páginas com fundo branco, e por ter como foco uma criança, foram usadas cores alegres, letras manuscritas e ilustrações feitas à mão e digitalizadas. Dá-se destaque também à letra da música “Esquadros”, de Adriana Calcanhoto, sugerida por Lilian Jambartolomei, já que, segundo ela, foi feita baseada na vida de um autista, no caso, irmão da compositora.



6 CONSIDERAÇÕES

O envolvimento de tantos estudantes na execução dessa reportagem faz com que não só os três alunos que assinam o texto sejam os únicos responsáveis por tudo. Em *A Ponte*, a dinâmica da revista laboratorial é ainda mais motivadora devido ao apoio oferecido pela instituição, ao ser um espaço para fomentar reflexões, discussões e ideias, como também por oferecer suporte para produções, como a concepção do Labjor e garantias sobre qualidade de impressão. Assim, se amplia as possibilidades de atuação e o estímulo para produções cada vez melhores. Esse padrão de qualidade foi, inclusive, reconhecido Expocom 2010, quando a revista-laboratório foi premiada como a melhor do país, em Caxias do Sul.

É válido crer ainda que não basta ter o suporte de softwares de diagramação ou câmeras fotográficas modernas. Um intenso projeto jornalístico vai além até de boas fontes encontradas. É fundamental dominar as técnicas discutidas em sala e sobrepor as aulas teóricas, mas é preciso, enquanto em campo na produção em si, saber aguçar a sensibilidade e fazer um retrato da realidade a partir de personagens reais e assim construir uma narrativa coerente, que estimule a reflexão e o debate da opinião pública para questões como a inclusão de pessoas especiais, como os autistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Ed.Arquipélago Editorial, 2006.

DOURADO, F. **Amigos da Diferença** - Uma abordagem relacional da problemática do autismo. 1995.

LOPES, D. F. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus. 1989

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, A. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002. Tese (Doutorado) - Ciências da Comunicação, Área de Concentração em Jornalismo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.